



**III Congresso Internacional de Ciência,  
Tecnologia e Desenvolvimento**

**20 a 22 de outubro de 2014**

**CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA O  
DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

**MCH0772**

**ENTRE OS MUROS DA ESCOLA: UM DIÁLOGO ENTRE  
SUCESSO E FRACASSO ESCOLAR**

CARLA RIZZI ANTUNES DA SILVA BAFINI  
STEFÂNIA DE MAGALHÃES ANDRADE BARBOSA  
FERNANDA SIQUEIRA ALMEIDA E FONSECA MORAIS  
**carizzi1@hotmail.com**

MESTRADO - DESENVOLVIMENTO HUMANO  
UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

**ORIENTADOR(A)**

MARIA TERESA DE MOURA RIBEIRO  
UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

## **ENTRE OS MUROS DA ESCOLA: UM DIÁLOGO ENTRE SUCESSO E FRACASSO ESCOLAR**

### **Resumo:**

As diferentes relações e situações presentes no cotidiano escolar são assuntos amplamente discutidos no meio acadêmico. Elas são apresentadas por meio de um currículo declarado, mas também são permeadas por um currículo oculto que se estabelece a partir do cruzamento entre diferentes culturas. O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a realidade escolar mundial a partir da ótica do cruzamento de culturas e do currículo oculto presente no universo escolar de forma a possibilitar um diálogo entre o sucesso e o fracasso escolar. Como metodologia para esse diálogo, utiliza-se de cinco elementos trazidos por Laurent Cantet no filme “Entre os Muros da Escola”: a relação de autoridade e autoritarismo entre professores e alunos; a questão da frustração docente; a passividade docente frente às diferentes propostas de ensino; o fazer pedagógico descontextualizado e o caráter punitivo e excludente da escola. A partir da análise da dura realidade de uma unidade escolar localizada na periferia de Paris, na França, é possível identificar que o sucesso escolar depende da união e do interesse de todos os agentes envolvidos e que o fracasso escolar é inerente em comunidades que se conformam com seu fracasso como um todo.

**Palavras Chave:** Educação, Universo Escolar, Cruzamento de Culturas

## **BETWEEN THE SCHOOL WALLS: A TALK ABOUT SUCCESS AND FAILURE SCHOOL**

### **Abstract:**

The different relationships and situations in everyday school life are widely discussed topics in academia. They are presented through a stated curriculum and are also permeated by a hidden curriculum that is established from the intersection between different cultures. This article aims to reflect on the global school reality through the lens of crossing cultures and the hidden curriculum in this school environment in order to enable a dialogue between success and school failure. As a methodology for this dialogue, five elements has been brought by Laurent Cantet in the film "Between the Walls of the School": the relationship of authority and authoritarianism among teachers and students; the issue of teacher frustration; teaching passivity against various proposals for education; decontextualized pedagogical practice and the punitive and exclusionary character of the school. Through analysis of the harsh reality of a school located on the suburb of Paris, France, you can identify that school success depends on the union and the interests of all stakeholders and that school failure is inherent in communities that are resigned with that.

**Key words:** Education, School Universe, Crossing Cultures

## 1 INTRODUÇÃO

Filmes são importantes recursos para análise da realidade. O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a realidade escolar mundial, nela enquadrada também a escola francesa, pela ótica do cruzamento de culturas e do currículo oculto presente no universo escolar de forma a possibilitar um diálogo entre o sucesso e o fracasso escolar. Entre os Muros da Escola<sup>1</sup> apresenta a dura realidade de uma unidade escolar localizada na periferia de Paris, na França. Espaço onde a interculturalidade se impõe mais do que é aceita, não só entre alunos, mas também envolvendo professores e famílias como um todo.

Vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes em 2008, a obra é baseada no livro homônimo de François Bégaudeau, que retrata sua experiência como professor ginásial e suas dificuldades para ensinar a Língua Francesa em um contexto de conflitos e cruzamento entre diferentes culturas.

## 2 O COTIDIANO ESCOLAR: A RELAÇÃO DE AUTORIDADE E AUTORITARISMO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS

O filme apresenta o universo escolar de uma forma nua e crua, por meio de um contexto excludente, que faz uso de uma avaliação punitiva, que desconsidera a realidade e que demonstra um grande conflito na relação professor x aluno. No caso em questão, François, professor de Francês, só conseguia sobrepor suas ideias e vontades sobre os alunos por sua ocupação social: a de ser professor. Não havia a articulação de saberes e a relação de autoritarismo era algo constante em sua prática.

Isso pode ser evidenciado aos 00:26:10 de filme através da seguinte cena:

- Prof François* Vocês são incapazes de se concentrar por mais de 20 segundos. Parecem crianças de 3 anos. Se vocês se comportassem como pessoas de 13, 14 ou 15 anos responderiam à pergunta num minuto e não se falava mais nisso.
- Khoumba* Está pegando muito pesado com essa brincadeira!
- Prof François* Não acho.
- Khoumba* Todo mundo acha isso.
- Esmeralda* Estou com ela.
- Prof François* Todo mundo pensa, ou só você que pensa?
- Esmeralda* Não, todo mundo!
- Khoumba* Todo mundo pensa e eu também acho que você está abusando.
- Prof François* Se eu deixar vocês em paz, nunca irão a lugar nenhum!
- Khoumba* Mas isso não é motivo para gozar da gente!
- Prof François* Foi exatamente pelo motivo que acabei de dizer!

---

<sup>1</sup> Filme francês, cujo título original “Entre Les murs”. Direção de Laruent Cantet e roteirode François Bégaudeau, Robin Campillo e Laurent Cantet. França. 128min. 2008. Distribuição Imovision/Sonopress.

O que se percebe é que a relação entre autoridade e autoritarismo precisa ser amplamente discutida nessa prática. A respeito desse assunto, Aquino (1999, p. 34) relata que:

(...) quando se estabelecem relações de respeito unilateral, da relação entre o amor e o medo o sentimento que prevalece é o medo. A criança respeita sua mãe e, por que não dizer também, sua professora, porque tem medo da punição. Entendemos, porém, que se não houver um mínimo de afetividade na relação não haverá o respeito. Pode haver obediência, que só funcionará enquanto o mais velho tiver instrumentos de coação à sua disposição, para cobrá-la.

(...) boa parte dos problemas disciplinares que as escolas vêm enfrentando ultimamente decorre do fato de que as relações ali estabelecidas, contrariando a visão da maioria dos docentes, não é de respeito e sim de obediência. À medida que a sociedade se democratiza e os instrumentos autoritários colocados por ela a serviço da escola vão sendo eliminados, a relação de obediência transparece, porque as relações de fato não estão baseadas no respeito e os sujeitos não se sentem mais obrigados a cumprir as regras.

François é a autoridade da sala não apenas por ser professor, mas por ser respeitado pela maioria. Apresenta certo autoritarismo em momentos como o que repreende um aluno que se levantou sem sua permissão para emprestar algo ou faz comparações da turma com crianças menores. No entanto ele não se opõe os comentários e opiniões dos alunos que ao longo da trama questionam, sugerem e até enfrentam o professor.

Nas reuniões com professores e direção ele questiona regras, afirmando que maior rigidez não melhorará a indisciplina. Tenta refletir sobre como ajudar os alunos, sempre vendo-os como sujeitos de direito, providos de condições para aprender mas imersos em problemas sociais. Ele mostra-se realmente preocupado com os alunos, uma das características apontadas por Ambrosetti(1996) e Cunha (1997) como característica do bom professor.

[...] ser capaz de se colocar no lugar do outro e vê-lo como alguém, ao mesmo tempo igual – ser humano com os mesmos direitos e necessidades - e diferente – pessoa com suas próprias características e especificidades - é também a base das relações de afetividade maduras que observamos nas classes, marcadas pela atenção e pelo respeito mútuo.” (AMBROSETTI, 1996, pp. 184-185)

Outros aspectos destacados por Ambrosetti (1996) na prática docente bem sucedida foram o compromisso com o trabalho e com o aprendizado dos alunos; a clareza aos alunos sobre o que se espera deles; a interação entre professor e aluno; clareza das normas e regras na sala de aula; estímulo e confiança na capacidade dos alunos.

François apresenta todas essas características em algum momento de sua prática. Longe de ser um professor perfeito, o que não acreditamos que exista, podemos dizer que ele é comprometido com o trabalho e preocupa-se com o aprendizado e com os alunos.

### 3 O PENSAR PEDAGÓGICO: A PASSIVIDADE DOCENTE FRENTE ÀS DIFERENTES PROPOSTAS DE ENSINO

Outro aspecto importante a ser analisado neste contexto curricular está relacionado ao desenvolvimento das aulas e atividades escolares, que acontecem por meio de um planejamento tradicional por parte da maioria dos professores, aqui representado novamente pelo Professor François. Isso pode ser identificando aos 00:13:31 de filme, na cena em que um outro professor aborda François na Sala de Professores convidando o mesmo a trabalharem juntos a mesma obra de leitura, promovendo, quem sabe, um trabalho em parceria:

- Prof.* Com licença, você dá aulas de Francês ao 8º-3ª?
- François* Sim. E também sou o coordenador de turma.
- Prof.* E você já sabe que livro eles vão ler?
- François* Não, ainda não decidi.
- Prof.* Em História, vou começar pelo Antigo Regime. Se quiser fazer um trabalho conjunto, que obras acha que teríamos?
- François* Há o Iluminismo, mas isso é difícil para o 8º ano.
- Prof.* E o Voltaire, é muito difícil?
- François* Não é fácil.
- Prof.* O “Cândido” é simples...
- François* Não para o 8º ano.
- Prof.* O “Zadig”...
- François* Sim, mas... Em minha opinião não dá.

O que se percebe neste recorte é que o trabalho em parceria entre os professores não se estabelece pela falta de abertura declarada pelo Professor François. Apesar das inúmeras tentativas de estabelecer uma parceria, o ensino continua sendo desenvolvido na escola de forma fragmentada, descontextualizada, nada motivadora.

A busca pelo sucesso escolar perpassa ao menos pela boa vontade e pelo diálogo construtivo entre os docentes no estabelecimento de um ensino mais significativo e atraente aos alunos. Ao contrário disso, o sentimento de frustração, a imposição do conhecimento sem contexto e a relação de autoridade são complementadas pelo rompimento e pela fragmentação do ensino oferecido pelos professores.

Neste contexto, os alunos são apenas fruto desse meio e respondem aos professores com atitudes agressivas, tal como ocorre no ensino excludente e imposto que recebem.

### 4 O FAZER PEDAGÓGICO DESCONTEXTUALIZADO

A partir da concepção tradicional, o que se pode perceber é que o contexto da sala de aula se apresenta também de forma conteudista e desconectada da realidade, o que pode ser identificado aos 00:15:55, no diálogo inicial entre o professor François e seus alunos:

- Esmeralda* Professor! Por que imperfeito do indicativo? (...) Por que não é só imperfeito?

*Prof. François* (...) Boa pergunta, Esmeralda, por que é que dizemos do indicativo?

*Esmeralda* Se eu soubesse, não tava perguntando.

*Prof. François* Sim, tem razão. Alguém sabe por que especificamos imperfeito do indicativo? E por que não apenas imperfeito? Nassim.

*Nassim* Posso lavar as mãos?

*Prof. François* Sim, está bem, vá lavar suas mãos. E nós vamos continuando... Mas rápido! Rapidamente!

*Alunos* Ele vai demorar uma semana! Eu vou com ele!

*Prof. François* Com calma. Se dizemos imperfeito do indicativo é para distinguir de outro imperfeito. Que imperfeito é esse? Agam?

*Agam* É o imperfeito do subjuntivo.

*Prof. François* Exatamente. O imperfeito do subjuntivo! Alguém pode me dar um exemplo do imperfeito do subjuntivo? Não posso acreditar, Khoumba, mas quero escutar.

*Khoumba* Posso estar enganada... Eu acho que é bem possível. “Eu estivesse”

*Prof. François* “Eu estivesse”, muito bem. Do verbo “estiver”?

*Khoumba* Não sei. Eu “estivava”

*Esmeralda* “Eu estivesse”, “nós estivéssemos”, “tu estivesses”...

*Prof. François* Não está mal, mas não está utilizando o verbo corretamente. Tem alguma vaga lembrança do imperfeito do subjuntivo. Imagine que eu digo “É necessário que eu esteja em forma”. O que é este “esteja” aqui? Eva?

*Eva* É o presente do subjuntivo.

*Prof. François* Muito bem. É o presente do subjuntivo. Se quisermos construir no imperfeito do subjuntivo, temos que fazer a concordância dos tempos. Vou colocar aqui no passado: “Era necessário...”, “Era preciso que eu...” Khoumba?

*Khoumba* Estivesse.

*Esmeralda* Você acha mesmo que vou dizer pra minha mãe: “Era necessário que eu estivesse”?

*Prof. François* Não é “que eu estivesse”. Aprenda primeiro a conjugar.

*Esmeralda* “Era necessário que eu estivesse em forma”. Ninguém diz isso!

*Khoumba* Eu tinha razão! Eu tinha razão. Era “que eu estivesse”!

*Prof. François* Posso responder à pergunta que me fizeram?

*Esmeralda* Se é que estão interessados mesmo. Sim, eu autorizo.

*Prof. François* É que antes mesmo de saberem conjugar o imperfeito do subjuntivo, já estão me dizendo que ele não vai servir pra nada. Comecem aprendendo a conjugar e depois questionem o uso dele.

*Esmeralda* Professor, fala sério?

*Aluna* Eles têm razão, porque as pessoas não falam assim hoje em dia. Nem mesmo minha avó fala assim.

*Boubacar* Nem o seu bisavô!

*Aluna* Isso é da Idade Média!

*Prof. François* Não é nada da Idade Média.

*Boubacar* Claro que é.

*Khoumba* É burguês!

*Aluna* Qual foi a última vez que ouviu alguém falar assim?

*Prof. François* Ontem, entre amigos, usamos o imperfeito do subjuntivo...

*Boubacar* Não, alguém normal!

*Prof. François* Eu posso responder?

*Boubacar* Sim.

*Prof. François* É muito bom o debate, mas com calma. De fato, nem todas as pessoas falam assim e são raras as pessoas que o fazem. Diria mesmo que só as pessoas snobs usam o imperfeito do subjuntivo.

*Aluna* O que quer dizer snob?

*Prof. François* Snobs são pessoas um pouco afetadas, com maneirismos, que falam cheias de manias.

*Boubacar* São os homossexuais?

*Prof. François* Não, não são os homossexuais. Podemos ser afetados e refinados e não sermos homossexuais, Boubacar. De qualquer forma, é verdade que este registro pode parecer formal e um pouco afetado e até aburguesado. Mas o importante é perceber que existem diferentes registros, como tenho dito repetidamente, todos os dias para vocês, e saber alternar entre eles: o familiar, o coloquial, o formal, o oral e o escrito, em suma, saber viajar entre todos e dominá-los.

*Lucie* Sim, Lucie?

*Lucie* Mas como sabemos qual é o da escrita e qual é o oral?

*Prof. François* Como é que sabemos que a palavra se adequa melhor a um dos registros?

<p><i>Aluno</i></p> <p><i>Prof. François</i></p>	<p>Normalmente, isso é uma coisa que se aprende com a prática. É preciso saber utilizar a intuição.</p> <p>O que significa “intuição”?</p> <p>A intuição é quanto não utilizamos a razão. Quando não podemos... não é tanto uma questão de saber ou não saber, mas de sentir as coisas. A intuição é quando sentimos as coisas.</p>
<p><i>Aluno</i></p> <p><i>Prof. François</i></p>	<p>E se não sentirmos?</p> <p>Se não sentirmos, bom... A intuição se adquire praticando muito a língua. É assim que aprendemos a distinguir quase automaticamente entre o oral e o escrito.</p>

No relato acima, percebe-se que o Professor François foi estruturando sua aula com base em exemplos completamente desconectados da realidade dos alunos e, com isso, gradativamente, sua aula foi se perdendo. Tal situação é corriqueira dentro dos “muros da escola” de hoje em dia, seja na França, no Brasil ou no mundo todo.

A esse respeito, Barbisan (1995, p. 54) relata que:

O modo de entender a linguagem reside no estudo do texto. Texto é linguagem funcional, quer dizer, linguagem que desempenha um papel em um contexto. Há o texto e há outro texto que o acompanha, o contexto, que vai além do que é dito e escrito, e inclui o não-verbal, o quadro total no qual o texto se desenvolve e onde deve ser interpretado. Um texto é feito de sentidos, é uma unidade semântica. Como tal, deve ser considerado de duas perspectivas: como produto e como processo. Como produto é resultado e tem uma construção que pode ser representada sistematicamente. É processo no sentido de escolha semântica contínua na rede de significados potenciais, em que cada escolha constitui o contexto para a série seguinte.

Por este motivo, ao desenvolver o ensino da língua, o professor precisa ter clara a função social do texto e o contexto o qual está inserido. Somente assim, os alunos conseguirão fazer as representações necessárias e identificar sentido àquilo que aprendem. Uma escola de sucesso, pensa nestes aspectos. Uma escola de fracasso, segue esta ótica sem utilizar o senso crítico necessário.

## **5 A QUESTÃO DA FRUSTRAÇÃO DOCENTE**

O que se percebe neste contexto é uma grande frustração por parte dos professores, o que pode ser identificado aos 00:27:00, na cena em que o Professor de Informática adentra à Sala dos Professores, muito irritado, dando um tapa em um dos armários, e desabafa com os colegas presentes:



*Prof de Inf.* Estou cansado desses palhaços! Cansado! Não consigo nem olhar para eles! Não são ninguém, não sabem nada, parecem que olham atrás de nós quando tentamos ensiná-los. Então, que continuem na merda! Não sou eu que vou correr atrás! São tão básicos, de uma má fé, sempre tirando sarros. Então, tá, rapaziada. Fiquem lá no seu bairro de merda. Vão morrer por lá e é bem feito. Vou ter uma reunião com o diretor e vou dizer que não volto a dar aulas ao 7º-2ª. Não vão ter aulas de informática até ao fim do ano. Pior para eles. Já se passaram 3 meses e não fizeram rigorosamente nada. Já olharam para eles no recreio? Parece que estão no cio! Sempre em cima uns dos outros, parecem animais! É uma loucura! E fazem o mesmo na sala. O Kevin passou uma hora inteira nisso... Nunca vi uma coisa assim em cinco anos de ensino! Basta! Já chega! Não somos animais! Desculpem. Eu... Que imbecilidade!

*Outro Prof.* Venha, vamos tomar um ar.

O professor se sente angustiado, não só pela situação cotidiana em sala de aula, mas pela desvalorização de sua profissão, pela falta de importância do ensino para a sociedade atual, pela falta de reconhecimento social da atividade docente por parte dos alunos e dos pais e da sociedade, pelas precárias condições de trabalho, pelas questões salariais e pela imagem confusa que se apresenta diante sua dupla função de “desenvolver pessoas, formar cidadãos, desenvolver a sociedade e dar conta das novas exigências que são postas aos jovens que ingressarão no trabalho, numa ordem marcada pela competição e a excelência” (ARROYO, 2011, p. 99).

Lapo e Bueno (2003, p. 77), em um estudo sobre o abandono do magistério, puderam constatar por meio de depoimentos que a insatisfação docente se dá pela “sobrecarga de trabalho; depois, a falta de apoio dos pais dos alunos, um sentimento de inutilidade em relação ao trabalho que realizam, a concorrência com outros meios de transmissão de informação e cultura, e também, é claro, os baixos salários”, e pelo modo que se organiza institucionalmente o sistema educacional, onde se incluiriam os seguintes fatores: “a burocracia institucional e o controle do trabalho do professor, a escassez de recursos materiais, a falta de apoio técnico-pedagógico, a falta de incentivo ao aprimoramento profissional”. Mas a ênfase maior foi dada à “qualidade das relações interpessoais no ambiente de trabalho.”

O desabafo do professor apresentado no filme pode ser percebido em diversos ambientes escolares reais, onde, além das situações que se imagina serem inerentes às escolas, convivem agressões ameaças e abusos. A escola reproduz a influência recebida pela sociedade (onde o professor é impotente frente às violências sociais), mas também produz violência - e uma violência muito específica, que, segundo Salles e Silva (2004, p 151):

“ Na escola, a violência cotidiana aparece no desrespeito ao outro, na transgressão aos códigos de boas maneiras e á ordem estabelecida. A falta de limites associada à desconsideração

pelos outros contribuem para que os jovens e adolescentes busquem se impor pela força e pela agressão.”

As relações entre alunos e escola, principalmente alunos e professores, se transforma em problema social quando as diferenças entre o mundo adulto e o mundo dos jovens se distinguem, onde os estereótipos sobre os jovens podem promover conflitos nas relações com os adultos (professores, direção e funcionários) e entre os próprios jovens, ou seja, “quando os indivíduos são reduzidos aos estereótipos, a sociedade constrói teorias ou ideologias para explicar essa diferença e justificar a discriminação.” (SALLES e SILVA, 2004, p. 155).

Ainda segundo Salles e Silva (2004 p. 160), o caminho para as superações da frustração docente, no que tange a escola resolver, pode estar no fortalecimento das culturas dos diferentes grupos sociais e étnicos - valorizando seus conhecimentos em busca de igualdade, democracia e cidadania.

## **6 O CARÁTER PUNITIVO E EXCLUDENTE DA ESCOLA:**

O caráter punitivo desta escola pode ser amplamente observado no debate estabelecido aos 00:42:30 de filme, cena esta que se passa no Conselho de Classe da escola, com a presença de todos os professores e equipe gestora da Unidade Escolar:

*Diretor* Há duas semanas, durante a última reunião da comissão permanente, os professores sugeriram a introdução de um sistema de penalização por pontos para os alunos baseado no sistema da carta de condução. Se um aluno infringir uma regra, perderá pontos. Como a ideia é dos professores, passo-lhes a palavra.

*Prof. 1* Desde setembro, notamos um aumento de problemas na escola. Os castigos já não surtem efeito nos alunos, daí termos tido esta ideia de um sistema de penalização por pontos. Cada aluno teria, por exemplo, seis pontos, e em função da gravidade do erro poderá perder 1 ou 2 pontos.

*Prof. 2* E quando já não tiverem pontos, o que é que acontece?

*Prof. 1* Deverão se encaminhar ao Conselho Disciplinar.

*Prof. 3* Como representante da Comissão de Pais, acho que isto é típico da linha de orientação da escola. Estão sempre prontos a penalizar, mas nunca a valorizar os alunos.

*Prof. 4* Os alunos se valorizam sozinhos. Se valorizam pelas notas, passando de ano e nós os valorizamos nos conselhos de classe, encorajando-os quando a média não é boa. Também há o quadro de honra, as recomendações... Tudo isso conta!

*Prof. 5* No seu sistema, retiram pontos de quem comete erros, mas porque é que não levamos o sistema mais longe, atribuindo pontos a quem faz as coisas bem?

*Prof. 4* Tipo medalhas!

*Coord.* Sou a favor da valorização dos alunos, mas se um aluno acumular pontos e acabar com 34 pontos, de repente

fica com uma margem enorme para fazer todo o tipo de disparates e depois não vamos conseguir controla-los.

*Prof. 6* Mesmo sem esses hipotéticos 34 pontos, seis pontos para começar significa que podem causar problemas sem serem castigados. Perder 1 ou 2 pontos, para mim, não é um verdadeiro castigo. Pode criar um sentimento perigoso de impunidade. Para mim, esta é uma típica falsa boa ideia.

*Diretor* Nesse caso, poderíamos tentar encontrar um castigo em que os alunos perdem todos os pontos de uma vez. Mas, assim, o sistema perderia o seu interesse. Não é simples.

*Prof. F* Aquilo que você chama de sentimento de impunidade nos dá um espaço de manobra. Quando temos que lidar com castigos demasiado rígidos, não podemos aplicá-los da mesma forma a todos os casos.

*Prof. 6* Não concordo. As regras devem se aplicar da mesma forma a todos os alunos. Se as infringirem, são castigados. Se não for assim, para que nos preocuparmos?

*Prof. F* Mas é por haver regras tão estritas que se cria uma enorme tensão. O controle dos celulares, por exemplo. Todos concordamos com a regra que os celulares eram proibidos na sala de aula. Desculpem, mas eu quebrei a regra porque não era um problema para mim. Tem que haver um espaço de manobra, uma zona de tolerância.

*Prof. 6* Isso é o reino da arbitrariedade. Não, é a lei e o espírito da lei.

*Diretor* Podíamos ficar falando aqui até à meia-noite, mas isso não é possível. Temos outros temas para abordar. Nomeadamente, uma questão essencial e muito delicada: a máquina de café. (...)

Na realidade Francesa apresentada no filme, a Reunião do Conselho não primava por pensar em estratégias para a superação das dificuldades encontradas pelos professores no trabalho em sala de aula. No Brasil, especificamente na Rede Estadual Paulista de Ensino, pelo menos na teoria ,encontramos uma visão diferente:

As Normas Regimentais Básicas (1998), bem como as Resoluções atuais, determinam que os conselhos de classe e série se caracterizam como o colegiado responsável na escola pelo acompanhamento pedagógico do processo de ensino-aprendizagem e de avaliação. Diferentemente do que muitos entendem, seu objetivo não é “julgar” os alunos com problemas de aprendizagem ou de disciplina. Em suas reuniões bimestrais, o colegiado encontra-se para avaliar como a escola direciona o processo de ensino-aprendizagem e adota uma postura interdisciplinar de análise sobre cursos, séries, classes, turnos, em busca de objetivar os princípios educacionais, como garantir

o direito de todos os alunos da escola de ter uma educação de qualidade.” (Caderno do Gestor, p. 3)

As reuniões de Conselho de Escola são momentos privilegiados para troca de informações, busca de melhorias no Projeto Político Pedagógico, reavaliação dos currículos e proposição de mudanças de percurso; momentos de tomar decisões referentes à escola e não somente às particularidades dos alunos.

Engers e Gomes (2007, p. 518-524) propõem um artigo onde elegem os Conselhos de Classe também como “um espaço de educação continuada de professores”, onde se deveria repensar a ação pedagógica e não as dificuldades do processo educativo em detrimento das vitórias, onde alunos são julgados e não avaliados. Com isso, os Conselhos de Classe e série podem e devem ser momentos de ouvir o outro e pensar em soluções para a educação de forma coletiva.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo entre o sucesso e o fracasso escolar passa pelos “muros da escola”. Abre portas, invade janelas, envolve relações e interrelações entre todos os envolvidos. Os aspectos analisados neste artigo foram apenas pequenos e singelos detalhes do dia-a-dia de uma escola. Uma escola que pode estar em qualquer lugar do mundo. Uma escola que precisa urgentemente rever sua função, rever sua ação e rever, principalmente, sua concepção.

O que delimita uma escola fadada ao fracasso ou promissora ao sucesso é a atitude de todos os envolvidos, sejam pais, alunos, professores e funcionários em geral. Uma escola que se conforma com o seu fracasso, dificilmente alcançará o seu sucesso. Neste contexto, é preciso analisar o passado para refletir o presente e construir o futuro. Uma relação de autoritarismo, de frustração, de passividade frente às mudanças (emergentes e necessárias) só tende a promover a exclusão e a ignorância.

Neste contexto, todos perdem. E a escola não consegue cumprir o único objetivo a que se propõe: o de ensinar. A partir disso, só restam duas questões: Esta é a escola que temos? E esta, é a escola que queremos? Tais questionamentos precisam ser respondidos, com urgência e a máxima seriedade, para que a transformação possa ser iniciada e para que a Educação consiga, então, cumprir o seu papel perante a sociedade.

## REFERÊNCIAS

AMBROSETTI, Neusa Banhara. **A prática competente na escola pública**. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996

AQUINO, Julio Groppa (org). **Autoridade e Autonomia na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo, Summus, 1999.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre**. Petrópolis, Vozes, 2011.

BARBISAN, Leci Borges. **Texto e contexto**. *Organon*, 1995, 9.23.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas, SP: Papirus, 1997. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

ENGERS, Maria Emília Amaral; GOMES, Vanise dos Santos. Conselhos de Classe como espaço de educação continuada de professores. **Educação**, Porto Alegre, ano XXX, nº 3 (63), setembro/dezembro 2007, 517-529. Disponível em: <repositorio.furg.br:8080/bitstream/handle/1/1337/CONSELHOS%20DE%20CLASSE.pdf?sequence=1 >. Acesso em 27/07/2014.

LAPO, Flavinês Rebolo; BUENO, Belmiro Oliveira. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cadernos de Pesquisa**, nº 118, março/2003, 65-88. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/cp/n118/16830.pdf >. Acesso em 26/07/2014.

SALLES, Leila Maria Ferreira; SILVA, Joyce Mary Adam de Paula e. Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. **Cadernos de Educação/FaE/PPGE/UFPEL**, nº 30, janeiro/junho 2008, 149-166. Disponível em: <periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1768/1643 >. Acesso em 25/07/2014.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação, Caderno do Gestor - Vol. 3, São Paulo, 2009. Disponível em <[http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/18/arquivos/CG\\_site\\_09\\_12.pdf](http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/18/arquivos/CG_site_09_12.pdf)> Acesso em 16/06/2014.